

OS NATURALISMOS DE FIGUEIREDO PIMENTEL EM *O ABORTO* E *UM CANALHA*¹

Renata Ferreira Vieira (UERJ/CNPq)
Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo: Na versão da historiografia tradicional sobre o naturalismo no Brasil, os romances são lidos como cópias dos romances experimentais do escritor francês Émile Zola. Desse ponto de vista, o naturalismo no Brasil foi um movimento imposto pelos modismos da literatura francesa, sendo mal assimilado pelos escritores nacionais. Embora a leitura da crítica canônica tenha sido legitimada pelos manuais de ensino de literatura a partir do século XX, na década de 1890 as leituras dos homens de letras sobre as ficções naturalistas eram mais complexas e abrangentes, indicando o caráter multifacetado e paradoxal do naturalismo. Entre os leitores dos romances naturalistas do final do século XIX, encontravam-se nomes de críticos renomados da imprensa, como José Veríssimo, Araripe Júnior, Silvío Romero, Valentim Magalhães e Artur Azevedo, assim como outros articulistas fora da tradição crítica. Nas leituras desses intelectuais, o naturalismo era uma estética nada uniforme, compreendendo uma gama de significados que expandiam a concepção de “romance científico” a partir do modelo do naturalismo de Zola. Para a historiografia tradicional só interessou a leitura via naturalismo científico, relegando para lugares periféricos outros subgêneros da estética, como o irônico e satírico, o banal e o (rechaçado) pornográfico. É nessa condição que se encontram, nos dias atuais, os romances *O aborto* (1893) e *Um canalha* (1895) do escritor Alberto Figueiredo Pimentel, respectivamente relacionados às acepções do naturalismo como “pornografia” e como “estética da banalidade”. Motivado pelo interesse de escrever a história do escritor Figueiredo Pimentel como autor de romances naturalistas, este trabalho teve como objetivo apresentar a trajetória desse escritor naturalista brasileiro esquecido e as primeiras recepções de *O aborto* e *Um canalha* pelos homens de letras e pelo leitor comum, adotando uma concepção ampliada de naturalismo e atentando para seus variados subgêneros e modos de execução (BAGULEY, 1990).

Palavras-chave: Figueiredo Pimentel. Naturalismos. Historiografia

¹ Este trabalho resulta de uma condensação, com supressões e alguns acréscimos, da minha Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada – *Uma pena de canalhas: Figueiredo Pimentel e o naturalismo no Brasil* (2015) – do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com o apoio da FAPERJ.

O nome do escritor Alberto Figueiredo Pimentel (1869 – 1914) é uma ausência notável na história do naturalismo no Brasil. Observando que o tema naturalismo no Brasil ainda é mal compreendido pela historiografia tradicional, esta pesquisa teve como objetivo escrever a história do escritor Figueiredo Pimentel como autor de romances naturalistas, tendo como foco de interesse o estudo dos romances *O aborto*, publicado pela Livraria do Povo em 1893, e *Um canalha*, publicado pela Laemmert em 1895, ambos no Rio de Janeiro. Para cumprir o objetivo do trabalho, a pesquisa levantou novas informações sobre Figueiredo Pimentel e sua relação com a estética naturalista, especialmente na década de 1890, no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Por meio das consultas às fontes primárias foi possível conhecer a trajetória de um escritor naturalista brasileiro esquecido e as primeiras recepções de *O aborto* e *Um canalha* pelos homens de letras – escritores, críticos, livreiros e editores – e pelo leitor comum.

Figueiredo Pimentel nasceu em Macaé/RJ e iniciou sua carreira no jornalismo, no *Província do Rio*, jornal da cidade de Niterói no final da década de 1880 (CATHARINA, 2013). Nas décadas seguintes, entre 1890 a 1910, Figueiredo Pimentel era reconhecido como um dos escritores e jornalistas mais produtivos do Rio de Janeiro, com autoria em variados gêneros textuais: conto, poesia, crônica, teatro, folhetim, romance e literatura infantil, assumindo várias facetas em sua trajetória. Dessas facetas, a historiografia estudou parcialmente duas: a de cronista da coluna ‘O Binóculo’ da *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*, sob o pseudônimo Petrônio Carioca (NEEDEL, 1993), e a de autor bem-sucedido do gênero de literatura infanto-juvenil, entre os títulos estavam *Histórias da carochinha*, *Histórias da avozinha* e *O álbum das crianças* (LEÃO, 2012).

Na sua trajetória há uma faceta que permanece pouco conhecida: o Figueiredo Pimentel autor de romances naturalistas, com os quais estreou na vida literária em 1893, ao lançar com grande escândalo o romance *O aborto*, seguido de *Um canalha* em 1895. Interessada na faceta naturalista do escritor, este trabalho investigou a história da escrita, publicação e recepção desses dois romances, atentando para seus variados subgêneros e modos de execução por meio da consideração à dispersão de sentidos e significados atribuídos ao naturalismo (BAGULEY, 1990), entre eles as acepções do naturalismo como “pornografia” e como “estética da banalidade”, respectivamente relacionados aos romances *O aborto* e *Um canalha*.

A Livraria do Povo, do proprietário Pedro da Silva Quaresma (1863–1921), era conhecida como a “editora dos livros populares”, publicações com fins utilitários para diversos públicos: como os *Manuais do Namorado* (para ensinar declarações de amor) e o *Orador do Povo* (uma coletânea de discursos prontos para ser proferido em determinados acontecimentos: como casamentos, aniversários e enterros). Além desse segmento editorial, a Livraria do Povo editava romances naturalistas de “enredos escandalosos”, que eram frequentemente associados aos livros pornográficos sob a legenda de “romances para homens” (EL FAR, 2004). Nos anúncios da livraria, os romances naturalistas eram classificados como “romances para homens” e eram um produto comercial muito procurado no comércio livreiro oitocentista. Empenhado em expandir as vendas dos romances naturalistas, em 24 de janeiro de 1893, Pedro Quaresma comprou os direitos de publicação de *O aborto* do estreante Figueiredo Pimentel (na época com 23 anos), efetivando uma parceria bem sucedida que ajudou a aumentar o movimento da livraria mais popular da cidade (*Gazeta de Notícias*, 24/01/1893, p. 2).

Conhecido pelo seu “tino comercial”, o editor Pedro Quaresma realizou uma arrojada campanha publicitária para divulgar o romance nos principais jornais do Rio de Janeiro. Em poucas palavras no jornal *O País*, Pedro Quaresma anunciou que “aparecerá brevemente *O aborto*, romance naturalista por Figueiredo Pimentel”, criando grandes expectativas ao romance do jovem escritor (*O País*, 29/01/1893, p.8). O editor confiava nos temas sensacionalistas do naturalismo (associados ao sexo e ao escândalo) para atrair os leitores, como também para expressar o ponto de vista do comércio livreiro sobre os romances naturalistas, compreendidos como literatura pornográfica.

O romance de estreia do jovem escritor “causou grande alarma no seio da sociedade brasileira” (*A Notícia* 06 a 07/02/1914, p. 1). Antes de ser editado em volume, ele tinha sido publicado em folhetins pelo *Província do Rio*, em 1889, sob o título de *O artigo 200*, em referência à lei imperial que criminalizava o aborto. O romance era assinado por um dos pseudônimos de Figueiredo Pimentel – Albino Peixoto – e narrava um caso de aborto de uma moça de família pequeno-burguesa que foi viver em Niterói, após se mudar, com os pais, de Rio Bonito/RJ (*Gazeta de Notícias*, 03/07/1893, p. 1). Devido às reclamações dos leitores contra o caráter pornográfico da história, Joaquim Ferreira Guimarães, proprietário do jornal, foi obrigando a suspender o folhetim antes do capítulo final (PIMENTEL, 2015).

Os críticos ficaram escandalizados com *O aborto*. Para eles, o livro não representava uma obra autêntica da estética naturalista, devido à descrição de “cenas escabrosas que nada influíam na urdidura do romance, que não esclareciam, nem explicavam o temperamento dos personagens e o determinismo dos seus atos” (*Jornal do Brasil*, 19/04/1893, p. 2). A filiação de *O aborto* ao naturalismo era explicitada no prefácio do romance e no seu título escandaloso. A história, supostamente verídica, narrava a vida banal da jovem Maricota na cidade de Niterói do final do século XIX. Ela tinha como “divertimentos” os encontros sexuais com seu primo Mário, que resultaram numa gravidez indesejada e interrompida por um aborto. O romance traz várias marcas tradicionais da ficção naturalista, tais como o argumento fisiológico, a herança genética, a intimidade física com os corpos dos personagens, o estilo “reportagem”, a figura do farmacêutico (ou do médico), assim como a morte trágica da protagonista ao final.

O “escândalo” de *O aborto* justificava-se pela audácia do enredo, que descrevia (sem omissões) os pormenores da vida sexual (não marital) da jovem Maricota, em desafio às convenções morais da sociedade niteroiense. Com o argumento naturalista de que o romance seguia a forma do estudo científico sobre “um fato ocorrido em Niterói” (PIMENTEL, 2015, p. 24), Figueiredo Pimentel não se esquivou de detalhar situações íntimas (e embaraçosas) da trajetória medíocre de Maricota e sua família desde a cidade de Rio Bonito a Niterói, como também da “hipócrita burguesia e cheia de preconceitos” do bairro de Icaraí (PIMENTEL, 2015, p. 21).

O aborto foi o “acontecimento literário” em 1893, e para Pedro Quaresma um negócio bem sucedido. Segundo a opinião pública da época, a primeira edição do romance resultou em mais de seis mil exemplares vendidos (EL FAR, 2004). As estratégias de venda de *O aborto*, entre elas a distribuição do romance em vários pontos de venda, os serviços de entrega, o título sensacionalista e, principalmente, o “atrativo” valor de dois mil réis do livro, ajudaram a despertar o interesse do público leitor. O romance, além do “espantoso” sucesso de livraria, foi a obra que apresentou o nome de Figueiredo Pimentel ao campo literário como autor de romances naturalistas. A obra “alvorçou” a crítica e a sociedade por meio de um enredo escandaloso, “cheio de ousadias pornográficas diante das quais recuariam os mais atrevidos naturalistas”, conforme as palavras do crítico Araripe Júnior (1848-1911) (*A Semana*, 08/08/1894, p.458).

Nos anúncios, o “grande sucesso” de *O aborto* lhe garantia a segunda edição, porém só conhecemos três exemplares da primeira publicação que pertencem aos seguintes acervos: um volume pertence à Biblioteca Nacional/RJ, e os outros dois livros pertencem, respectivamente, à Biblioteca José de Alencar, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e à coleção Paulo Duarte, da Biblioteca César Lattes da Universidade de Campinas (UNICAMP). Embora não tenha havido uma reedição de *O aborto*, podemos afirmar que o estreante Figueiredo Pimentel marcou o naturalismo no Brasil com a “repercussão monumental” de uma obra literária que escandalizou a opinião pública da década de 1890 (*A Palavra*, 15/09/1895, p. 3).

Após o sucesso de vendas de *O aborto* e a repercussão do seu nome nas editoras do Rio de Janeiro, Figueiredo Pimentel foi contratado pela Laemmert, que trouxe a público, em 1895, *Um canalha*, o segundo romance do escritor publicado por uma livraria. A venda dos direitos de publicação de *Um canalha* à Laemmert (uma das editoras mais conceituadas da cidade) permitiu que a trajetória de Figueiredo Pimentel ganhasse destaque e, por consequência, uma expansão dos leitores para além dos limites da cidade do Rio de Janeiro, pois a livraria-editora possuía filiais em São Paulo e Recife, garantindo uma circulação ampla do romance.

Em 31 de julho de 1895, a *Gazeta de Notícias* anunciou a publicação de “*Um canalha* pela casa Laemmert” na primeira página do jornal. Enquanto o lançamento do segundo romance naturalista de Figueiredo Pimentel repercutia nas imprensas carioca e paulista, a Laemmert dava início à campanha de venda de *Um canalha* nos principais jornais do Rio de Janeiro, entre eles a *Gazeta de Notícias*, a *Gazeta da Tarde*, *A Notícia* e *O País*, anunciando o livro até 1898. Entre os livros oferecidos na relação das publicações, *Um canalha* era vendido por três mil réis (3\$000). Além da campanha nos jornais cariocas, a Laemmert também divulgou a disponibilidade do livro em São Paulo, Recife, Santa Catarina e Maranhão, sugerindo a propagação da produção literária de Figueiredo Pimentel aos diversos centros culturais espalhados pelo país.

Um canalha é um romance sobre a mediocridade do juiz mineiro Dr. Guarani Cardoso, um bacharel em Direito que se torna juiz de Macaé, criando em torno de si a fama de juiz honesto. Mas nas entrelinhas da lei, o Dr. Guarani Cardoso nada mais era do que um homem sem escrúpulos que negociava e vendia sentenças de acordo com os interesses dos seus pequenos golpes. O romance, além de narrar as canalhices do protagonista com suas negociatas no tribunal, aborda as imoralidades de diversos tipos

comuns que compõem a história, sem remeter ao naturalismo sensacionalista do *O aborto*.

Com o aspecto de um “estudo de temperamento” sobre um golpista de pequenas vilezas, *Um canalha* engendrou uma ficção naturalista que não empolgou o grande público – não alcançando o sucesso de vendas do romance de estreia –, porém suscitou na crítica especializada comentários e resenhas que iluminam e expandem o debate sobre o naturalismo no Brasil, especialmente na década de 1890. Dentre as críticas divulgadas na imprensa destacaram-se as apreciações de Valentim Magalhães (1859–1903), no jornal *A Notícia*; de Artur Azevedo (1855–1908), em *O País*; e de José Veríssimo (1857–1916), na *Revista Brasileira*. Todos os três eram representantes da tradição crítica na imprensa e com pleno acesso às redações dos principais jornais do Rio de Janeiro.

Um canalha despertou na imprensa a expectativa de que o segundo romance naturalista de Figueiredo Pimentel não seria diferente do primeiro, “recheado de escândalos e sensações”. Conhecido como escritor “cheio de novidade e cheio de audácias, como tudo quanto lhe sa[ia] da pena” (*Dom Quixote*, 1895, nº7), Figueiredo Pimentel frustrou a expectativa da recepção crítica, produzindo um romance que nada lembrava as cenas ousadas de *O aborto*, com as intimidades sexuais entre Maricota e seu primo Mário. A maioria das apreciações críticas concordava que *Um canalha* não provocava o temor de corar diante de “páginas picantes”, embora tivesse como tema as imoralidades de um juiz sem escrúpulos, que negociava e vendia sentenças “como quem vend[ia] batatas”, na expressão de Valentim Magalhães (*A notícia*, 06 a 07/08/1895, p.1 – 2). A expectativa de encontrar pornografia em *Um canalha* foi frustrada, porém o romance provocou outro tipo de “sensação”, o de compreendê-lo como uma obra naturalista que não se adequava na concepção tradicional da estética.

A “sensação” (ou a inquietação) da tradição crítica tornou-se perceptível, principalmente, nas vozes de Valentim Magalhães, de Artur Azevedo e de José Veríssimo. Suas colunas literárias repercutiram (e estranharam) um romance naturalista que se afastava do modelo científico e não tratava, detalhadamente, dos desvios de caráter do protagonista, como se esperava de uma obra da estética. Na resenha de Valentim Magalhães no jornal *A Notícia*, o crítico expôs suas decepções com a banalidade do protagonista. Ele esperava que “o Dr. Guarani Cardoso fosse um canalha interessante, original e extraordinário”, mas o tratamento ficcional dado ao protagonista

foi de “um canalha banal, sem audácia e cinismo fora do comum” (*A Notícia*/RJ, 06/08/1895).

Concordando com a percepção de Valentim, Artur Azevedo, na coluna ‘Palestra’ do jornal *O País*, reconheceu que Figueiredo Pimentel possuía as qualidades de um romancista de costumes, porém o que lhe faltava era invenção (*O País*, 09/08/1895, p.1). Segundo Artur, a prova dessa carência era o herói do romance ser “um canalha vulgaríssimo, que não desperta[va] o interesse, nem as honras de ter uma análise psicológica” (*O País*, 09/08/1895, p.1). Na apreciação de José Veríssimo na *Revista Brasileira*, *Um Canalha* era um livro incapaz de sustentar a “psicologia do romance”, porque a constituição da trama era superficial e repleta de falhas na concepção e na exibição do protagonista. Para Veríssimo, o romance (tendo em vista a estética naturalista tradicional) carecia de um estudo mais sério do caráter do Dr. Guarani Cardoso. A caracterização do bacharel promovido a juiz era inverossímil, faltava ao personagem o aprofundamento da sua índole.

De acordo com as reações de Valentim Magalhães, de Artur Azevedo e de José Veríssimo a *Um canalha*, podemos depreender que a recepção de cada crítico sustentava compreensões paradoxais sobre o romance naturalista. As apreciações de Valentim Magalhães e de Artur Azevedo indicaram escassa inventividade em *Um canalha*, qualidade que tornaria o romance desinteressante. O naturalismo, entretanto, não opera pela invenção ou pela imaginação e não busca o extraordinário, mas constrói o ficcional por meio da observação sobre os fatos da vida comum (como uma reportagem de jornal). As opiniões dos colunistas da *Notícia* e do *País* sugerem que eles estavam operando no paradigma de idealização romântica do gênero romance, com as aventuras inesquecíveis dos seus heróis excepcionais e culminâncias de sentido.

No entanto, a apreciação de José Veríssimo não exigia os recursos da imaginação, porém tinha duas reclamações de *Um canalha*. A primeira foi a falta do sério estudo científico, e a segunda, a inexistente elegância da forma com estilo sóbrio e uso de linguagem não provinciana, diferente do “provincialismo mineiro e paulista” que Veríssimo detectou no romance (*Revista Brasileira*, out/dez 1895, p.61). A segunda reclamação é dificilmente atendida pelo naturalismo literário. Parecendo-se mais a um estudo de caso, a notícias de jornal e a relatórios científicos, o romance naturalista rompe com a forma genérica do épico e do romance realista tradicional. O naturalismo impõe ficções fora dos padrões estéticos rígidos, que cedem a autoridade da voz

narrativa a diversas fontes, como a linguagem dos subalternos, a gíria dos trabalhadores e as variações linguísticas regionais (BAGULEY, 1990).

Com uma percepção afastada da tradição crítica, a coluna literária ‘Sobre a Mesa’, do jornal *A Notícia* (28 a 29/08/1895), publicou sua opinião sobre o romance de Figueiredo Pimentel. Sem assinar a coluna, o articulista da *Notícia* colaborou para expandir a discussão sobre o romance naturalista para além da compreensão restrita de “romance científico” ou “romance experimental” ao estilo de Zola, como também para dissolver a leitura rotulada de Figueiredo Pimentel como autor pornográfico. Apreendendo um naturalismo fora dos padrões, a leitura do articulista da *Notícia* percebeu que a realidade ficcionalizada em *Um canalha* não poderia ter referencial mais autêntico do que a banalidade das “vidas dos tipos comuns e quadros da vida real” (*A Notícia* 28 a 29/08/1895, p.2). Na esteira dessa compreensão, o articulista entendia que era equivocado chamar *Um canalha* de inverossímil, pois “o recente trabalho de Figueiredo Pimentel [foi] toda uma reprodução exata do tipo e dos atos possíveis de um submetido” (*A Notícia* 28 a 29/08/1895, p.2). As palavras do articulista pareciam responder as apreciações da tradição crítica da imprensa, representada pelos escritores Valentim Magalhães, Artur Azevedo e José Veríssimo, promovendo a descentralização das vozes críticas dominantes e apresentando novas reflexões sobre a estética naturalista.

Embora os críticos tradicionais reprovassem a banalidade de *Um canalha*, o articulista da coluna ‘Sobre a Mesa’ ressaltou que os aspectos da vida mundana encenados no romance não eram passíveis de censura, porque essa qualidade tão criticada do livro, “torna[va]-se o inverso, isto é, um atestado do seu valor, como trabalho reprodutivo da vida comum, obrigado à máxima verossimilhança, que foi justamente o que o autor quis fazer” (*A Notícia* 28 a 29/08/1895, p.2). Nesse contexto, a percepção da modalidade ‘desiludida do naturalismo’ (BAGULEY, 1990) – que valoriza o banal no cotidiano das pessoas comuns – era considerada como um dos modos possíveis de execução da ficção naturalista no final do século XIX. Para a coluna ‘Sobre a Mesa’, a elaboração de romances sobre temas banais e monótonos (sem o colorido das novidades), como foi ficcionalizado em *Um canalha*, requer a perícia de um olhar capacitado para observar o nada de extraordinário da existência humana, ainda que não desperte o interesse e os aplausos do público leitor e da crítica especializada.

Embora seja um romance esquecido nos dias de hoje – só conhecemos o exemplar da Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro –, *Um*

canalha provocou um debate produtivo sobre o naturalismo na imprensa durante o segundo semestre de 1895. Com sua esparsa fortuna crítica, o segundo livro de Figueiredo Pimentel nos ajudou a entender como os críticos da época liam o romance naturalista, com seus posicionamentos muitas vezes confusos, contraditórios e conflitantes (MENDES & VIEIRA, 2014). Desse modo, perceber *Um canalha*, na cena crítica dos seus primeiros leitores, possibilita a compreensão de que a versão hegemônica da historiografia tradicional sobre o naturalismo no Brasil, como “romance científico ou experimental” segundo Zola, e legitimada nos manuais de ensino de literatura não é única.

Figueiredo Pimentel revelou-se um autor naturalista que soube explorar o veio popular e os temas sensacionalistas do naturalismo – aborto, adultério, suicídio, roubos, masturbação, assassinatos e pequenas vilezas –, consolidando seu nome nos variados modos de execução e subgêneros da estética naturalista. Não encerrando uma verdade absoluta, a voz corrente dos homens de letras da década de 1890, no Brasil, declarava que o naturalismo, antes de ser a escola literária da ciência, era a estética das humanidades em suas diversas manifestações. Nos naturalismos ficcionalizados em *O aborto* e *Um canalha*, Figueiredo Pimentel deu o ponto de partida para sua trajetória de romancista naturalista sem temer a fama de “escritor imoral” ao redor do seu nome, que impactou o meio literário e marcou a história do naturalismo no Brasil.

Referências

BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. De “O artigo 200” a “O aborto”: trajetória de um romance naturalista. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 47, p. 37-58, jul./dez. 2013.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870–1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

LEÃO, Andréa Borges. *Brasil em imaginação: livros, impressos e leituras infantis (1890 – 1915)*. Fortaleza: INESP; UFC, 2012.

MENDES, Leonardo. As qualidades da incorreção: o romance naturalista no Brasil. In: MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (Org.). *Crítica e movimentos estéticos: configurações discursivas do campo literário*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2006a. p. 137-165.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata. Naturalismo e banalidade em *Um canalha* (1895), de Figueiredo Pimentel – *Revista Navegações: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. ISSN: 1982-8527, v. 7, n. 2, p. 116-124, jul.- dez. 2014.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *O aborto*. Estabelecimento do texto e organização de Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015 [1893].

_____. *Um canalha*. Rio de Janeiro: Livraria Laemmert, 1895.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

VIEIRA, Renata Ferreira. *Uma penca de canalhas: Figueiredo Pimentel e o naturalismo no Brasil*. 2015. 150 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Periódicos

Hemeroteca Digital Brasileira/Fundação Biblioteca Nacional:
<http://hemerotecadigital.bn.br/>

A Notícia, Rio de Janeiro, 06 a 07/08/1895, p.1 – 2.

A Notícia, Rio de Janeiro, 28 a 29/08/1895, p.2.

A Notícia, Rio de Janeiro, 06 a 07/02/1914, p. 1.

A Palavra, Pará, 15/09/1895, p. 3.

A Semana, Rio de Janeiro, 08/08/1894, p.458

Dom Quixote, Rio de Janeiro, 1895, nº7

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 24/01/1893, p. 2.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 03/07/1893, p. 1.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 31/07/ 1895, p.1

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19/04/1893, p. 2.

O País, Rio de Janeiro, 29/01/1893, p. 8

O País, Rio de Janeiro, 09/08/1895, p.1.

Revista Brasileira, Rio de Janeiro, out/dez 1895, p.61.